

A ESTILÍSTICA DA REPETIÇÃO NO *IAUARETÊ* (I)

Carlos Alberto Gonçalves Lopes (UNEB)

RESUMO

O jogo repetitivo, apesar de possibilitar múltiplos recursos para o ato comunicativo, tem merecido pouca atenção dos estudiosos da estilística. Este trabalho demonstra a força enfática, persuasiva e expressiva da repetição, através da análise de uma das obras de Guimarães Rosa em que o autor recria esteticamente a língua oral.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa, Estilística, Literatura Brasileira.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a apreciar o valor estilístico da repetição em nossa língua através do estudo desse aspecto estilístico na novela *Meu Tio o Iauaretê*, de Guimarães Rosa.

Há algum tempo, não só temos constatado o fato de ser a repetição um recurso estilístico bastante expressivo na obra de alguns escritores brasileiros como também descoberto a grande vitalidade que ela proporciona à linguagem escrita e oral. Por último, lendo Guimarães Rosa, pudemos verificar que ele soube empregar muito bem a repetição e, assim, mostrar que ela, longe de ser um vício de linguagem na prosa, ou melhor, um defeito, pode se constituir num recurso muito útil, belo e expressivo, quando bem empregada. E é exatamente isso que tentaremos mostrar adiante.

É claro que não desejamos descer ao fundo do poço no exame da questão, levando-se em conta as limitações de espaço, dentre outros motivos. Sendo assim, o que pretendemos *a priori* será apenas um modesto ensaio e, quem sabe, ensaiando os primeiros passos, projetar para o futuro uma investigação mais arrojada e abrangente acerca desse palpitante tema.

Inicialmente trataremos de expor a teoria concernente à estilística da repetição para depois aplicá-la, mas não sem antes fazer uma apreciação do texto objeto de análise.

Quanto à escolha da novela *Meu Tio o Iauaretê*, inserida no livro póstumo *Estas Estórias*, de João Guimarães Rosa, ocorreu não só por considerarmos, de tudo que lemos do escritor mineiro, o estágio mais avançado de sua produção artística, dentre as novelas e os contos escritos por ele, sem esquecer as duas jóias literárias que são *A Terceira Margem do Rio* e *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, mas também porque em *Meu Tio o Iauaretê*, a estilística da repetição, de forma clara e inequívoca, revela um dado importantíssimo, isto é, o de que a fala do narrador-personagem evidencia exatamente aquilo que ele é. E tal revelação é configurada e realçada pela repetição de certas palavras-chave que permeiam a novela do começo ao fim, como muito bem notou Haroldo de Campos (*apud* XISTO, 1970: 73) ao afirmar que a fala do narrador-personagem

é tematizada por um *Nhem?* intercorrente, quase sublimar, que envolve um expletivo-indagativo *Hein?* mas que como se vai verificando, é antes um *Nhenhem* (do tupi *Nhehê* ou *nheheng...*), significando simplesmente *falar*.

O objeto de nossas atenções se restringirá apenas à novela *Meu Tio o Iauaretê* e à repetição vocabular e sintagmática, visto ser a estilística da repetição muito abrangente, se considerarmos que, por repetição, entende-se também a aliteração (repetição de sons consonantais não homorgânicos), a rima (repetição de segmentos de vocábulos), o bordão (repetição de versos), o estribilho (repetição de estrofes), etc.

Finalmente, esclarecemos que, ao citarmos trechos da obra literária na exemplificação dos vários casos de repetição apreciados, apenas indicaremos a página do livro *Estas Estórias* mencionado na bibliografia do qual foi extraído o fragmento citado.

A ESTILÍSTICA DA REPETIÇÃO

Dentre os vários recursos de estilo disponíveis, certamente a repetição tem o seu lugar de destaque em relação a alguns escritores brasileiros, como é o caso de J. Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Rui Barbosa e o Pe. Antônio Vieira.

Por meio da repetição os vocábulos adquirem um forte efeito sugestivo e são carregados de uma força emocional, estimulativa e semântica bem acentuada, porque ela resulta na multiplicação, ou

melhor, na amplificação do signo linguístico.

Na criação da linguagem poética a repetição tem uma importância que não passou despercebida a renomados escritores nossos. É que, através da repetição, conforme muito bem notou DA CAL (1969: 244), “podemos ver as mais cotidianas e simples palavras da língua ganharem uma intensa carga poética e converterem-se de imediato em focos de irradiação lírica, em agentes de poetização de estilo”.

A repetição, como processo expressivo, é um dos mais eficazes processos intensificadores da linguagem, sendo, conseqüentemente, objeto da Estilística.

Aristóteles foi, talvez, o primeiro estudioso a tratar da repetição. Para ele, a repetição nada mais era do que um recurso oratório. Por outro lado, consultando CÍCERO (1930: 85-86), constatamos que ele reconhece serem as figuras de palavras (dentre as quais ele inclui a repetição) uma arma útil pela sua ameaça, por seus golpes, e agrada em conseqüência da maneira particular pela qual é manejada. Para ele,

la répétition d'un mot a parfois de la force, ailleurs du charme; de même rapprocher des mots qui offrent entre eux de légères différences dans les lettres ou dans la flexion; reprendre plusieurs fois le même mot au commencement, ou le ramener plusieurs fois à la fin de membres de phrases; user du retour vif et animé mêmes mots; rattacher à un seul mot plusieurs compléments; procéder par gradation ascendante, employer plusieurs fois le même mot avec ce que j'appellerai des nuances de sens différentes; placer le même mot à la fin d'un membre de phrase et au début du suivant; employer soit des termes qui ont même désinence casuelle ou même terminaison, soit des membres de phrases symétriques ou de même longueur.

Na literatura portuguesa é no Trovadorismo que vamos encontrar a repetição como uma característica peculiar à poesia trovadoresca medieval, mediante o recurso do *paralelismo*, artifício expressivo caracterizado por um refinado sistema de repetições. A poesia moderna, por sua vez, encontrou na repetição uma força dinamizadora do discurso, assim como um meio para dizer o indizível. Já, nos cânticos cívicos e sacros, a repetição de versos e estrofes é algo muito comum e tem um efeito expressivo muito grande, por imprimir na mente do indivíduo o conteúdo da mensagem que expressa.

Refletindo sobre a repetição pode-se observar facilmente que o seu objetivo é o de ativar a imaginação, sustentar uma idéia ou pensamento por um determinado tempo, imprimir uma imagem na mente mediante o martelar constante de determinadas palavras ou frases e até, conforme o caso, persuadir o destinatário, envolvendo-o emocionalmente.

É importante observar ainda que a repetição não é inócua, isto é, a palavra que se repete não é exatamente igual à primeira palavra da série reiterativa. Não fosse assim, a repetição num discurso político, por exemplo, não seria uma fórmula patética, não comoveria ninguém. O certo é que a segunda palavra repetida tem uma carga afetiva que contribui inclusive para modificar a prosódia do vocábulo, sendo pronunciada com mais altura e ênfase. Seguindo essa linha de pensamento BOUSOÑO (1956: 120–121), tomando como exemplo a frase: *Antônio é pobre, pobre, pobre, pobre*, diz que o último enunciado do vocábulo *pobre* não tem o mesmo significado do primeiro, pois “al repetir-se, la significación asciende hasta un grado rigurosamente superlativo, cuya intensidad desdobra a la del próprio calificativo pobrísimo”. E explica que assim se verifica porque o primeiro adjetivo destila no segundo boa parte de seu conteúdo, e este, já enriquecido, golpeia, por sua vez, com todo o seu volume aumentado, o terceiro, ao qual insufla mais ainda o seu caudal de qualificação. Assim, “al terminar la serie, el adjetivo postrero se halla denso, pletórico de sustancia heredada”. Acrescenta depois que “lo que acabamos de mostrar para el adjetivo vale para toda palabra”, pois se alguém diz que, do alto, vê *flores, flores, flores, flores*, o sintagma já não se refere vagamente a *flores*, “sino concretamente a una gran cantidad de ellas, a un inmenso jardín. Llegaremos a deducir, de este modo, que toda reiteración posee e virtudes intensificadoras del significado”.

Em outro ponto BOUSOÑO (*Id.*: 206) volta a tratar da reiteração dizendo que a intensificação obtida ao repetir-se a palavra é individualizadora, isto é, tem a particularidade de modificar a língua, dando-lhe fins poéticos. Para ele a repetição gera um substituinte, ou seja, o elemento que vai atuar na modificação da língua, pois “sin sustitución, no hay poesía, aunque a veces los procedimientos se disimulan de muy variadas formas y parezcan no existir”.

Pelo exposto, não há dúvida de que não são exatamente idênticos os significantes e os significados de uma cadeia repetitiva. Do

contrário, perderia a reiteração sua função estilística e deixaria de ser expressiva para se tornar num mero vício tautológico. Se eu digo: “o menino *rola rola rola*”, o primeiro vocábulo da série reiterativa comunica normalmente o ato de rolar, isto é, dar voltas em torno de si; o segundo vocábulo, dito noutra entoação e movimento, acrescenta logo ao primeiro uma carga afetiva bem mais intensa; por último, no terceiro vocábulo, tanto a informação lingüística quanto o traço afetivo são levados ao máximo da cadeia, quase superlativo, traduzindo intensamente a ação de quem está girando em torno de si num movimento ininterrupto e muito rápido, marcado pela ausência de vírgula entre os elementos da série reiterativa.

MEU TIO O IAUARETÊ

A novela objeto de nosso estudo se destaca do conjunto de novelas do livro póstumo *Estas Estórias*. MACEDO (1988: 28) revela, porém, que, de acordo com

indicação manuscrita pelo autor no original datilografado, o conto [sic] teria sido escrito anteriormente a *Grande Sertão: Veredas* e, portanto, poderia ser considerado como uma espécie de matriz do romance, já que a técnica narrativa é a mesma: uma longa conversa entre um narrador iletrado e um interlocutor culto cujas perguntas e réplicas não são transcritas diretamente no texto.

Mais adiante, revela um dado importante que nos possibilita melhor aquilatarmos a importância da estilística da repetição nessa obra rosiana, ao reconhecer a extrema elaboração da linguagem, “cruzando-se palavras em tupi e neologismos criados a partir dessa língua, bem como numerosas onomatopéias” (*Id.*: 28).

Não é por acaso que o próprio título já revela a natureza do personagem (mestiço de índia e branco) pois a epígrafe da estória é híbrida: *Meu Tio* (português) + *o Iauaretê* (tupi), significando, *iauaretê*, onça verdadeira.

O narrador-personagem vivendo num mundo selvagem, para o fim específico de matar onças, acaba metamorfoseando-se em animal selvagem também. O processo de identificação entre homem e animal atinge o seu clímax com o encontro de Maria-Maria, a onça com a qual o mestiço dorme e, de matador de onça, ele se transforma em matador de gente. Nesse ponto o ciclo da metamorfose se com-

pleta. Mas o mais significativo disso tudo é o alto grau de elaboração lingüística com que Guimarães Rosa narra a sua estória, a qual revela “o desenraizamento cultural e conseqüente desagregação mental de um homem colocado entre duas ordens de valores: os ancestrais da tribo de sua mãe — que cultuava as onças — os do mundo branco do pai em que, para sobreviver, o mestiço tem que inserir-se” (*Id.*: 29).

O certo é que o nosso narrador-personagem (um ser inadaptado ao mundo e marginalizado pela civilização que lhe negou um lugar ao Sol) constitui uma das personagens magistrais de Guimarães Rosa.

Nessa estória, a novela conta a si mesma, não algo que lhe é estranho e externo. Observa FLUSSER (1967: 140) que

o Lobo não está somente dentro da avó, mas está dentro de toda palavra e dentro de toda forma. A partir da primeira palavra do conto o Lobo já está lá (...), e a avó, a partir da primeira palavra do conto, já não está mais lá. O conto todo não faz mais do que desenvolver o seu próprio projeto, já contido no seu título, brota organicamente qual semente que se desenvolve em planta. O próprio estilo é o conteúdo do conto, e o conteúdo do conto é o seu estilo. É por isto que toda palavra e toda forma do conto já são o conto todo, e é por isso que o conto todo pode ser considerado como uma única palavra: em breve, um mito.

Não resta dúvida que a luta do Bem com o Mal, um dos motivos centrais da criação roseana, é a pedra angular do *Iauaretê*. E esse conflito antitético é expresso através de um estilo próprio no qual é bastante significativo o jogo reiterativo contrastivo.